

Princípios de não homologia entre o verbo e a imagem: breve análise de uma estratégia de escrita da mídia

(Principles of non-homology between the verb and image: a analysis of media)

Luzmara Curcino¹

¹Centro de Educação e Ciências Humanas - Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

luzcf@ufscar.br

Abstract: In this paper we explore the various semantic relations that can be established between the word and image in the construction of mixed texts and its effects of meaning. Based on the theory of Discourse Analysis, I will discuss more specifically one of these relationships: the non-homology between word and image in the media.

Keywords: Discourse Analysis; media; image.

Resumo: Neste trabalho pretendemos explorar as diferentes relações semânticas que podem ser estabelecidas entre a linguagem verbal e a imagética na construção de textos mistos e na produção de efeitos de sentido específicos. Com base na teoria da análise do discurso, abordarei mais especificamente uma dessas relações: aquela baseada na não homologia entre o verbo e a imagem, presente em textos de origem midiática.

Palavras-chave: análise discursiva; mídia; imagem.

Introdução

Considerando as diferentes relações semânticas que podem ser estabelecidas entre a linguagem verbal e a imagética na construção de textos mistos, o objetivo deste trabalho é abordar, da perspectiva teórica da Análise do discurso, uma dessas relações: aquela baseada na não homologia entre o verbo e a imagem, presente em textos de origem midiática.

Tendo em vista a constatação de Roland Barthes (1993), já nos anos 60, de que vivemos a era da exploração do sincretismo das linguagens, na qual a imagem nunca está privada da palavra, podemos afirmar que graças às novas tecnologias de apreensão, formatação e circulação de imagens, disponíveis hoje, as relações que se podiam estabelecer entre imagem e verbo se acentuaram e com isso ampliaram-se significativamente as possibilidades de exploração e produção de significados decorrentes dessa conjunção.

Essas relações têm sido objeto de discussões em vários campos de estudo, em particular no âmbito da Análise do discurso, no interior da qual temos nos perguntado acerca do alcance e dos limites dessa teoria na abordagem dos textos sincréticos e que circulam em diferentes meios, assim como debatido sobre os princípios fundamentais que a caracterizam como um campo de saber e a distinguem daqueles de outras perspectivas de análise semiológica. Que exigências e dificuldades de análise a materialidade sincrética dos textos contemporâneos nos colocam, como analistas do discurso, na apreensão dos efeitos de sentido que visam a produzir e que eventualmente produzem? Quais são os limites das linguagens na constituição de textos mistos, de gêneros diversos: onde uma para de enunciar para a outra o fazer por ela, em vez dela, a partir dela, em conjunção com ela? Entre o verbo e a imagem nos textos de origem midiática, qual é o tipo de relação que se

estabelece predominantemente: de tautologia? de referenciação e complementação? de contrariedade ou polêmica? de enunciação paralela e não necessariamente coincidente? E que efeitos de sentido produzem essas diferentes relações entre o verbo e a imagem na constituição desses textos?

Embora se multipliquem questões em torno da discussão acerca das relações semântico-discursivas entre as linguagens verbal e imagética, o princípio norteador e essencial à Análise do Discurso se mantém: a produção e a interpretação de textos são orientadas por uma série de coerções sócio-histórico-culturais que regem o funcionamento discursivo; logo, o modo como os textos se formulam e significam, constituindo o que Michel Foucault designou como a “ordem do discurso”.

Essa ordem, segundo o autor, se estabelece por meio de um conjunto de imposições que faz falar e que faz ver de um modo e não de outro. Instável e flutuante, essa máquina abstrata que rege o dizer e o olhar o faz por meio de dispositivos concretos, de práticas específicas, naquilo que foi efetivamente feito e naquilo que foi efetivamente dito.

É por meio da apreensão desses dispositivos, de sua análise e de sua compreensão que se pode, conforme o filósofo, explicitar o discurso. Essa noção de dispositivo permitiria, assim, compreender que na emergência dos discursos, e dos saberes e poderes que lhes são decorrentes, atua não apenas o que se diz e como se diz, mas também o que se vê e como se vê.

Para tentar compreender aqui um dos modos como as imagens inscritas em textos mistos constituem uma forma de manifestação discursiva e como tal constituem saberes e poderes e se submetem às ordens do discurso que incidem em sua constituição, em sua produção e em sua circulação, abordaremos agora brevemente uma das formas de coerção que atuam sobre nosso olhar leitor, sob a forma de uma técnica de escrita presente em textos da mídia.

A análise que apresentamos inscreve-se nessa discussão acerca das relações estabelecidas entre o verbo e a imagem, na condição de constituintes da materialidade discursiva. De maneira mais específica abordaremos um fenômeno discursivo em textos de origem midiática relativo à não homologia, ou seja, à não-coincidência temática ou de conteúdo entre o que enuncia a imagem e o que enuncia o verbo. Para tanto, gostaríamos de situar um pouco melhor o que entendemos por homologia discursiva, para em seguida apresentarmos alguns exemplos de não homologia.

Verbo e imagem em textos sincréticos: relações de homologia

Em seu texto *Semiologia da língua*, de 1969, Émile Benveniste¹ retoma a definição saussureana de semiologia como sendo a ciência que estuda a vida dos signos no seio da vida social, ciência geral da qual a linguística constituiria uma parte. Benveniste (1989) propõe, a partir da visão prospectiva das ideias de Saussure, a necessidade de se abordar não somente as especificidades das unidades constituintes desses diferentes sistemas de signos e suas relações internas, mas também levantar e compreender as relações externas que se estabelecem entre esses diferentes sistemas semióticos.

¹ A tradução é de 1989.

Ele então elenca três tipos de relações possíveis de serem estabelecidas entre sistemas semióticos distintos: *a relação de engendramento*, *a relação de interpretância* e *a relação de homologia*. A primeira diria respeito ao fato de que um sistema semiótico como o alfabético pode servir de base para a criação de um outro sistema, como o alfabeto Braile, por exemplo. A segunda trata da capacidade própria a um sistema semiótico de interpretar o outro, tal como a língua em relação a outros sistemas. A terceira relação entre sistemas distintos é a de homologia, de que nos ocuparemos neste trabalho. Trata-se, segundo Benveniste (1989) da relação que se pode estabelecer entre dois sistemas semióticos diferentes, atuando como um princípio unificador de valores semióticos ou criando novos valores. Ela pode variar significativamente dependendo da maneira como os dois sistemas são colocados juntos.

As relações de *interpretância* e de *homologia* parecem-me ser aquelas que mais frequentemente se estabelecem entre a linguagem verbal e a linguagem imagética na composição de textos mistos, cujos sentidos são produzidos segundo as correspondências semânticas entre essas linguagens. É a possibilidade que a língua tem de designar, nomear, localizar no tempo e no espaço, qualificar, enfim, outro sistema semiótico como o imagético, que diz respeito à relação de *interpretância*. Já a relação de *homologia* semântica ou discursiva implica uma confluência comum das linguagens (verbal e não-verbal, por exemplo), uma confluência concordante quanto ao que é enunciado por ambas e que constitui o texto em sua totalidade. Parece-nos não se tratar de uma correspondência de forma ou de conteúdo, mas de uma correspondência discursiva, segundo a qual enunciados de materialidades distintas se combinam na construção do texto para a manifestação do(s) discurso(s), acionando uma memória e significando a partir dela.

Considerando que os textos contemporâneos, em especial os da mídia impressa e virtual, constituem-se prioritariamente da articulação de linguagens, imagéticas e verbais, cujo sincretismo é responsável pelos sentidos que se lhe atribuem, as relações de *homologia* se multiplicam.

Essas relações, no entanto, distinguem-se na medida em que podem se basear no princípio da *diferença* ou da *analogia*, ou seja, a co-presença de linguagens distintas em um texto pode, por um lado, ser baseada em uma espécie de “cooperação”, em que ambas se norteiam pelo princípio de tentar “enunciar” a mesma coisa (por exemplo, a imagem pode ratificar, confirmar, reafirmar, exemplificar o que foi enunciado verbalmente). Essa é a relação mais comum encontrada nos textos da mídia, sobretudo se pensarmos no papel simbólico que a fotografia de imprensa desempenha em textos editoriais de origem midiática, tendo em vista a exploração de sua função referencial.

Por outro lado, essas linguagens podem, na constituição de um texto e estabelecendo uma forma de cooperação outra, nortear-se pelo princípio da diferença e até mesmo da “contradição”. Assim, enunciariam coisas distintas embora se apresentem como elementos de uma totalidade textual. Nesse caso, pode se estabelecer um jogo discursivo entre as linguagens e seus diferentes enunciados, como veremos na análise.

Assim, a articulação entre imagem e verbo na formulação de textos sincréticos regula-se basicamente por dois princípios: um primeiro referente à relação entre a imagem e o verbo, cujo sentido resulta da conjunção e da coincidência da significação desses elementos; um segundo princípio regulador dessa relação intersemiótica é aquele segundo o qual a significação do texto se constrói com base na divergência do que enuncia uma linguagem

em relação à outra e por vezes no predomínio de uma das linguagens em detrimento da outra. É desta última forma de relação que pretendemos tratar de modo mais específico, em nossos exemplos.

Exemplos de relações de não homologia entre o verbo e a imagem

Das estratégias de escrita midiática, a orientação da leitura da fotografia empregada em textos de origem editorial pela legenda que a acompanha não é novidade. É exatamente porque a fotografia é um enunciado que não conta com marcas temporais precisas de sua enunciação, assim como também pode não contar com marcas espaciais, que se tornou prática corrente na escrita midiática situar as fotografias de imprensa por meio de legendas, títulos, subtítulos e pela própria narrativa verbal das matérias.

Assim, o que se enuncia verbalmente precisa, específica, determina o que a forma de enunciar imagética não explicita totalmente, ou explicita diferentemente. A não-coincidência entre essas duas narrativas (verbal e imagética) é explorada em alguns textos da mídia de diferentes maneiras, seja para torná-las coincidentes e similares, estabelecendo entre elas uma homologia discursiva, seja para torná-las independentes, não complementares. Apresento a seguir alguns exemplos de exploração de diferentes linguagens em relações de homologia e de não homologia na construção dos textos:



Figura 1. Notícia publicada em 06 de fevereiro de 2010 no Click PB - Portal de notícias com sede em João Pessoa

Embora com data de 06 de fevereiro de 2010, esse texto reproduz o que fora publicado no jornal *Folha Online*, na seção *Equilíbrio e Saúde*, do dia 08 de fevereiro de 2010. No entanto, seguindo a construção composicional padrão que emprega na apresentação das notícias, o editor do *site* acrescenta ao texto da *Folha* uma imagem, cuja função explorada parece ser a de ilustrar o que foi enunciado verbalmente e de certa maneira comprovar os dados apresentados no texto acerca do comportamento dos brasileiros quanto ao consumo alcoólico. O exemplo é exemplar.

A imagem empregada é uma fotografia que focaliza em *close* o rosto do atual Presidente da República e explora o instante em que ele bebe algo. A imagem aciona uma memória sociocultural relativa não apenas ao que sabemos sobre os gostos do atual presidente, mas também relativa ao gesto do corpo e ao modo como os olhos entreabertos também sugerem se tratar de bebida alcoólica. Se a fotografia já fala por si, a precisão do que ela deve enunciar é fruto da relação de homologia que se estabelece entre o que foi enunciado pela imagem e o que foi enunciado verbalmente. Joga-se com uma potencialidade plurissignificativa de imagens como a fotográfica, que são privadas em sua narrativa de marcas temporais e espaciais precisas, de maneira a explorar seu endereçamento pela linguagem verbal. O verbo preencheria os brancos da fotografia restituindo-lhe o tempo e situando seu espaço, orientando os sentidos e produzindo evidências pela confirmação do papel referencial da fotografia de imprensa.

Na economia das relações entre verbo e imagem, em especial da fotografia em textos de origem editorial, o efeito mútuo que se visa a produzir é o de dizer a mesma coisa por diferentes materialidades e sustentar a veracidade e a referencialidade, respectivamente. O que dizemos é verdade de maneira que podemos comprovar com a fotografia, que por sua vez é verdadeira, porque não é fruto de trucagem e comprova o que foi enunciado verbalmente.

Essa referencialidade da fotografia é construída e sustentada pelas estratégias de manipulação e de inscrição num dado texto, tais como sua apreensão de maneira não-posada, por isso espontânea, e capturada instantaneamente. O *close* e o recorte, por sua vez, ao darem a ver de maneira privilegiada aquilo que foi apreendido pela câmera num lapso de segundo, são técnicas de trucagem que não se apresentam como tal. Ao dar a ver excessivamente o que foi fotografado, elas se tornam invisíveis como técnicas.



Figura 2. Notícia publicada em 25 de março de 2010 no Click PB - Portal de notícias com sede em João Pessoa, colocado no ar em 2005

Nesse outro exemplo, observamos o emprego da mesma imagem na constituição de um texto temática é bem distinta daquela apresentada no texto anterior. Nele

aborda-se o fato de o atual Presidente da República ter infringido a lei eleitoral, fazendo menção à candidata de seu partido antes do período eleitoral.

A relação de homologia estabelecida nesses dois textos varia, portanto, quanto ao grau e quanto ao efeito de sentido.

Se a primeira nos leva a crer que a relação lógica entre elas é a de que a fotografia comprova exemplarmente os dados apresentados quanto ao consumo de bebida alcoólica por brasileiros, e particularmente pelo próprio atual presidente da república, a segunda não apresenta uma relação lógica entre o que é tematizado verbal e visualmente, a não ser como uma reiteração da transgressão de regras, valores e responsabilidades por parte de Lula.

No primeiro, a relação de homologia se instaura de maneira a uma linguagem corroborar a outra, complementando-se quanto ao tema. No segundo texto, a relação entre o que é enunciado visualmente e o que é enunciado verbalmente não é de complementaridade. Os enunciados não se confirmam nem redundam. Eles apresentam uma relativa independência temática.

Para explicar as razões dessa relativa não coincidência é preciso considerar que a imagem, mais especificamente a fotografia, assim como a língua, inscreve-se numa memória sociocultural e a partir dela significa. Assim tanto o que é dito verbalmente quanto o que enunciado imageticamente se apoiam em uma memória, responsável por ligá-los a outros enunciados verbais e imagéticos. Isso permite relações muito específicas na constituição dos textos. Quanto mais óbvia, concordante e complementar for a relação entre a imagem e o verbo, maior é o grau de homologia discursiva. Quanto menos óbvia, independente e discrepante for a relação entre essas linguagens, menor é o grau de homologia. Há casos, no entanto, em que, embora haja uma relação formal entre as linguagens, ou seja, de pertencimento a um mesmo texto, não há entre elas relação de homologia, antes o contrário, o que parece se estabelecer é uma relação de não homologia, cujos efeitos de sentido podem variar bastante.

No próximo exemplo de texto sincrético, o que se enuncia pela imagem não parece ter uma relação explícita de homologia discursiva entre o que se enuncia pelo verbo. A legenda dessa fotografia parece desempenhar aquele que é o seu papel tradicional: o de localizar os personagens e sua ação no tempo e no espaço.



Figura 3: Recorte da página A8, seção Poder, da Folha de São Paulo, de 17 de julho de 2010

De maneira direta ela enuncia “Em PE, Serra come milho oferecido por Jarbas Vasconcelos”. A citação indireta e a fotografia sem pose contribuem para a construção de isenção das narrativas verbal e imagética que constituem esse texto. Embora a única relação de fato entre a fotografia e o que é enunciado verbalmente no texto seja a de uma afinidade temporal nas duas narrativas, tematicamente elas parecem divergir, não fosse o tom derrisório que se estabelece tanto pela cena retratada quanto pela ironia que essa relação entre as linguagens encerra: enquanto na imagem Serra come nas mãos de Jarbas Vasconcelos, no enunciado verbal atribui-se a ele, várias vezes ao longo do texto, a afirmação de que ele não depende nem precisa de que ninguém peça votos para ele. A derrisão é o recurso empregado para produzir a aparente não homologia entre essas linguagens, pelo confronto semântico entre o que a imagem mostra e o que o verbo afirma. O efeito de sentido visado por essa derrisão oriunda da discrepância entre as linguagens parece ser o de desmentir o candidato.

Explora-se, pela imagem, uma memória social acerca do universo das relações políticas no qual é previsível que uns “comam nas mãos de outros”, em função do conhecimento recíproco de práticas duvidosas, desonestas, enquanto pela linguagem verbal dá-se voz ao candidato, cuja declaração em que nega precisar da ajuda dos outros é várias vezes repetida. Nessa relação entre linguagens, a fotografia é contraposta ao verbo e atua como contraprova ao que o candidato enuncia. A credibilidade da afirmação de Serra é colocada em cheque pela tradição que atribui a pecha de mentira à fala do político e pela exploração no texto, de maneira irônica, da referencialidade da imagem fotográfica.

De maneira semelhante, o texto a seguir exemplifica um caso de não homologia entre as linguagens empregadas em sua constituição. A narrativa imagética não coincide com a narrativa verbal. Enquanto as três fotografias de uma personalidade brasileira muito conhecida nos são apresentadas tecendo entre si uma mesma afirmação, o que é

enunciado verbalmente de certa forma “desmente”, ou pelo menos reorienta os sentidos constituídos de imediato pelas imagens.

Com vistas a explorar a fama de que goza o cantor Zeca Pagodinho de ser um consumidor assumido de bebidas alcoólicas, ao texto foram agregadas fotografias em poses que se filiam a um repertório de imagens representativas de atitudes e gestos de bêbados. No recorte fotográfico à esquerda da página e que se destaca pelo tamanho, é apresentado um close de meio corpo do artista cujos gestos sugerem um movimento involuntário e não necessariamente uma foto posada, conforme anunciado na legenda: “O cantor faz pose e diz que quer ‘perder um bocado de responsabilidade’”.



Figura 4: Folha E2 do caderno *Ilustrada*, da *Folha de São Paulo* de 29 de novembro de 2009

Além disso, o close frontal do rosto explora uma expressão facial cujas marcas de inchaço e certa vermelhidão dos olhos denunciariam uma ressaca. Produz-se assim uma quase contradição entre o que é dito e o que é mostrado, uma vez que ele aparenta estar bêbado ou se recuperando de uma bebedeira e a reportagem é sobre a rotina de trabalho intenso do cantor, que por essa razão declara que quer ‘perder um bocado de responsabilidade’. A citação aqui parece funcionar como a fotografia: ambas são estratégias de escrita cujo *habeas corpus* é o de representar o que de fato foi dito e visto durante a entrevista. Com vistas ao efeito de isenção, de neutralidade, a edição se vale, portanto, dessas duas estratégias.

As duas outras fotografias que constituem o texto remetem a poses clássicas de bêbados: aquela de pessoas debruçadas sobre mesas de bar e aquela de pessoas caídas pelo chão, tentando se levantar. Suas legendas, no entanto, são curiosas: as referências verbais do texto que aludem às imagens “contrariam” a expectativa por elas criada.

Embora a primeira, no canto superior direito da página, sugira um estado de embriaguez tal, capaz de levar o indivíduo a prostrar-se em uma mesa, não importando o quanto não-confortável ela seja, a legenda enuncia que “Depois de um fim de semana de diversão no Rio, Zeca descansa na mesa do restaurante em SP”.

A neutralidade do que se noticia parece ser buscada no equilíbrio entre o que enuncia a imagem e o que enuncia o verbo. Aqui a legenda cumpre mais uma vez a sua função clássica em relação à fotografia de imprensa: ela localiza a personagem e a ação no tempo e no espaço. A naturalidade com que se afirma que “Zeca descansa na mesa do restaurante” contrapõe-se à exposição de uma imagem não muito neutra apreendida em uma situação de produção de imagem provavelmente não posada.

O mesmo acontece em relação à segunda fotografia, que se localiza no canto inferior da página. O ângulo e a instantaneidade da fotografia atestada pelo movimento corporal do cantor e pela ausência de pose, além de validarem a fotografia como sendo verdadeira, exploram a representação de situações comuns a bêbados. Contrariamente à expectativa criada pelo repertório de imagens do texto, a legenda desta fotografia explica “Pagodinho cata coquinhos para a mulher nos jardins do SBT”.

Embora a relação de homologia semântica entre o verbal e o imagético se estabeleça em uma série de textos da mídia de maneira complementar, há casos, como vimos nos exemplos dados, em que a homologia não se estabelece da mesma maneira e por vezes sequer se estabelece.

Nesse exemplo, a não homologia entre as fotos e suas legendas produz um fenômeno interessante: observa-se um certo paralelismo entre a narrativa da linguagem verbal e a da imagética. As fotografias constituem uma sintaxe paralela que enuncia uma narrativa relativamente distinta daquela manifesta pela linguagem verbal.

Essa relativa independência das fotografias em relação a suas legendas e ao restante do texto pode ser compreendida à luz do conceito de “intericonicidade” de Jean-Jacques Courtine (2005). Segundo o autor, assim como a língua, para se explicar o funcionamento discursivo da imagem é preciso considerar que ela se inscreve numa rede de já-vistos e por isso de já-significados, que atuam como a condição para a interpretação de imagens e podem reorientar o nosso modo de interpretá-las.

Esse funcionamento discursivo da imagem e o uso que se tem feito da fotografia em textos de origem editorial contribuem para apresentá-la como uma forma de enunciar independente da decodificação da linguagem verbal nos textos constituídos de enunciação mista. Dito de outro modo, o jogo de desvinculação entre a imagem e o verbo libera a imagem desse compromisso, tornando-a mais autônoma, ou seja, um texto no interior de um texto. Se sua autonomia relativa se constrói na sua especificidade enquanto linguagem, cuja narrativa e sintaxe se apresentam de maneira bem distinta daquela da linguagem verbal, os usos que dela foram feitos, em especial da fotografia de imprensa, diversificaram as formas dessa sua “autonomia”.

Assim, devemos observar a gradação que perfaz as relações entre a imagem e o verbo nos textos multimodais e que varia desde a mera dependência da imagem em relação ao verbal quanto a sua localização e precisão espaço-temporal, passando pela tentativa de desdobramento/repetição/reforço do visto pelo dito e vice-versa, até a total independência e mesmo certo desajuste/desacordo entre essas linguagens.

Além disso, é preciso que problematizemos a lógica de hierarquização dessas linguagens tendo em vista os diferentes gêneros de textos multimodais entre os quais às vezes a imagem subordina-se ao verbo (que atua como nomeador e especificador), por vezes o verbo subordina-se à imagem (cuja decodificação panorâmica antecipa a decodificação da narrativa verbal orientando-a).

O desafio para a AD diante da produção e da recepção de textos sincréticos (e cada vez mais sincréticos) não é o de afirmar as especificidades dessas linguagens. O desafio parece ser o de descrever e analisar as relações que se estabelecem entre elas. Relações essas que são complexas, várias, que se atravessam e se reinventam em seu funcionamento recíproco. Um texto sincrético, isso não podemos perder de vista, não deve ser analisado senão como uma unidade cujas linguagens nele se articulam, se entrecruzam, unidade produzida e interpretada em conformidade com a história e com a cultura que o encerram e que nele se inscrevem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. La Civilisation de l'image. In: _____. *Œuvres complètes* - Tome I – 1942-1965. Org. Éric Marty. Paris: Éditions du Seuil, 1993. [1963].

BENVENISTE, Émile. Semiologia da língua. In: _____. *Problemas de Linguística Geral II*. Tradução de Maria Glória Novak e Luiza Néri. Campinas: Pontes, 1989. [1969]. p. 43-67.

COURTINE, Jean-Jacques. O chapéu de Clémentis. In: INDURSKY, Freda; LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina (Orgs.). *Os Múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 1999. [1992]. p. 15-22.

_____. *Intericonicidade*. Entrevista com Jean-Jacques Courtine por Nilton Milanez. Out. 2005. Disponível em: <http://grudiocorpo.blogspot.com/2009/06/intericonicidade-entrevista-com-jean.html>. Acesso em: 20 jan. 2010.

SERRA afirma que não precisa que ninguém peça votos para ele. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 17 jul 2010. Seção *Poder*.

VAI vadiar. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 29 nov. 2009. Caderno *Ilustrada*.

25% da População toma 80% do álcool consumido no Brasil. *Click PB - Portal de notícias*, João Pessoa, 06 fev. 2010. Disponível em: <http://www.clickpb.com.br/noticias/brasil/25-da-populacao-toma-80-do-alcool-consumido-no-brasil/>. Acesso em 15 mai. 2010.

25% da população toma 80% do álcool consumido no Brasil. *Folha Online*, São Paulo, 8 fev 2010. Seção *Equilíbrio e Saúde*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/noticias/ult263u690925.shtml>. Acesso em: 15 mai. 2010.